



**UFCG – UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UAPSI – UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

ÂNGELA CELI DE BRITO CADENA MARACAJÁ

**PERSONALIDADE PSICOPATA: A ESCALA HARE COMO RECURSO
DIAGNÓSTICO**

CAMPINA GRANDE – PB

2016

Ângela Celi De Brito Cadena Maracajá

**PERSONALIDADE PSICOPATA: A ESCALA HARE COMO RECURSO
DIAGNÓSTICO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado, em forma de artigo, à Coordenação do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Bacharel em Psicologia, sob orientação da Professora DR.^a Regina Lígia W. de Azevedo.

Campina Grande

2016

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial "Tereza Brasileiro Silva"-
UFCCG**

M838p

Moreira, Ângela Celi De Brito Cadena Maracajá.

Personalidade psicopata: a escala hare como recurso diagnóstico/Ângela Celi De Brito Cadena Maracajá. – Campina Grande: O autor, 2016.

33 f.

Artigo (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências.

Orientador: Regina Lígia W. de Azevedo, Dra.

1. Transtorno de Personalidade. 2.Psicopatia. Escala Hare.
3.Psicologia Forense. I. Azevedo, Regina Lígia W. de. II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCCG

CDU 159.964.2 (813.3)

Ângela Celi de Brito Cadena Maracajá

**PERSONALIDADE PSICOPATA: A ESCALA HARE COMO RECURSO
DIAGNÓSTICO**

APROVADO EM: 18 / 05 / 2016

NOTA: 9,5 (nove e meio)

BANCA EXAMINADORA

Regina Lígia Wanderlei de Azevedo

Prof.^a DR.^a Regina Lígia W. de Azevedo
Orientadora

Elaine Custódio Rodrigues Gusmão

Prof.^a MS. Elaine Custódio Rodrigues Gusmão
Examinadora

Carlos Antonio Fragoso Guimarães

Prof.^o Dr.^o Carlos Antonio Fragoso Guimarães
Examinador

Dedico este artigo ao meu Jesus amado. Fortaleza da minha vida. Inspiração de todos os sonhos e conquistas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, sem ele, nada disso seria permitido. Obrigada Senhor, por está presente em todos os momentos da minha vida. Sei que sou sua filha amada. Sou grata por tudo que aconteceu e acontecerá na minha vida. Só o Senhor conhece o meu coração.

Agradeço a responsável pela minha educação, princípios e valores, minha mãe, guerreira, sempre foi pai e mãe. Obrigada por tudo mãezinha, essa vitória também é sua. Desde sempre me deu todo carinho e atenção possível. Sempre sonhou com o dia em que eu seria psicóloga. Tenho orgulho em tê-la como mãe.

Ao meu esposo amado, obrigada pela paciência, tantas idas e vindas para aquele CCBS distante, dedicação e por sonhar os mesmos sonhos que os meus. Agradeço a Deus por ter você na minha vida. Temos tantos planos para nosso futuro, esse já é um sonho concretizado, essa vitória também é sua.

A minha linda Julinha. Inspiração por eu ter tanta garra e Fé. A você também dedico essa vitória. Por você e para você sempre lutarei por dias melhores, por uma carreira profissional bem sucedida. Amo-te infinitamente. És o melhor presente de Deus.

Aos meus irmãos, pela preocupação e por sempre ajudarem da forma que podiam. Sempre estiveram do meu lado. Sei que esse sonho faz parte da vida de vocês.

Aqueles que não estão mais aqui, meu pai e minha avó. Sei que nesse momento estão felizes com essa vitória. Lembro-me de vovó falando da roupa para minha formatura. Você sempre estará em meu coração minha avó amada. Obrigada pelos ensinamentos e preocupação. Te amarei para sempre.

As minhas tias, em especial tia Aldeide. Obrigada pela confiança que sempre me depositaram, sempre se orgulharam por eu cursar Psicologia na Universidade Federal de Campina Grande. Sempre me ajudando como podiam, seja financeiramente ou com um conselho. Escolhi essa profissão por sempre admirar a paciência da minha tia Alzeni. Obrigada a vovô Cadena e vovó Maria pelos ensinamentos desde minha infância, também minha tia Marlene e meus primos pelas orações.

A Melina Aguiar, que me acolheu quando nem me conhecia. Construimos uma linda amizade. As colegas de curso, passamos por muita coisa juntas, construimos cada degrau desses 5 anos de academia, em especial, Poliana Moura, Poliana Dantas, Débora Lima, Beatriz Figueirêdo, Lisandra Souza, sempre estiveram presentes nas minhas fraquezas, alegrias e conquistas; e a Jhuana Lícia e Jullyanna Montenegro, que nessa reta final, me acolheram com todo carinho, atenção e confiança.

Obrigada a empresa AeC, foi nela que me encontrei profissionalmente, onde escolhi minha área. Obrigada por cada oportunidade e confiança que me deram. Em especial, Kaíza Martins, Samara Azevedo, Vanessa Paulino, Kelly Rafaella, Everton Fiuza, Marina Egídio, Camila Conrado e Cleiton Pinto.

Um agradecimento todo especial aos meus professores amados, do 1º ao 10º período, todos ajudaram de forma peculiar com os seus ensinamentos. Em especial, a Shirley Simeão, que me deixou apaixonada pela Avaliação Psicológica. A minha querida Elaine Gusmão, excelente docente, em você me espelharei no meu futuro profissional. A Tiago Neves, Carlos Guimarães e Roseane Sá-Serafim, essenciais na construção do saber em Psicologia. A todas as instituições onde me deram a oportunidade de aulas práticas e estágio, em especial a APAE, e aos meus pacientes da clínica.

A minha orientadora Regina Azevedo, que me acolheu de forma tão carinhosa e sincera. Obrigada pela paciência, dedicação e disponibilidade para tratar do meu TCC de forma tão atenciosa e proveitosa.

Ao grande mestre Christian Costa, que me apresentou o instrumento de pesquisa desse artigo, a Escala Hare, bem como me treinou e me mostrou o lado fascinante de estudar a psicopatia.

RESUMO

A Psicopatia é um transtorno de personalidade que se posiciona na sociedade como foco de curiosidade, fascínio e grandes repercussões, haja vista serem pessoas frias, incapazes de amar e sentir remorso, persuasivas e convincentes. Nesta perspectiva, faz-se necessário uma minuciosa avaliação psicológica para se fechar um diagnóstico dessa natureza. Existem vários instrumentos para detectar casos de transtorno de personalidade, dentre eles o Rorschach e o Pfister. Sendo o Psychopathy Check-list Revised (PCR-L), conhecido como Escala Hare, o único a confirmar se uma pessoa é de fato psicopata. Neste enfoque, o presente artigo teve como objetivo apresentar uma revisão sistemática da literatura científica acerca da personalidade, bem como o transtorno da personalidade antissocial - a psicopatia, tendo como principal instrumento de diagnóstico, a Escala Hare. Enriquecido com preceitos da avaliação psicológica na área forense, que dará aporte para abordar essa questão de forma coerente e satisfatória. Deixando claro que psicopatas não são apenas os que cometem crimes, mas podem causar um grande estrago em famílias, organizações e comunidades inteiras. Para tanto, foi realizada uma busca nas redes de indexação LILACS, SciELO-Brasil e PePSIC, usando-se como parâmetros os termos: "*Transtorno de personalidade*", "*psicopatia*" e "*Escala Hare*". Nesta busca eletrônica foram recuperados nove artigos e sete trabalhos de conclusão de pós-graduação. Portanto, essa pesquisa buscou contribuir para o conhecimento teórico e prático da Escala Hare como novo instrumento de Avaliação Psicológica no meio forense. Além disso, deixar claro as principais características dos psicopatas.

Palavras-Chave: Transtorno de Personalidade; Psicopatia; Escala Hare; Psicologia Forense.

ABSTRACT

The Psychopathy is a personality trouble that sits in the society as a focus of curiosity, fascination and great repercussions, considering they are cold people, incapable of loving and feeling remorse, persuasive and convincing. In this perspective, it is necessary a rigorous psychological evaluation to conclude a diagnosis of this nature. There are many instruments to detect cases of personality trouble, among them the Rorschach and Pfister. Being the Psychopathy Check-list Revised (PCR-L), known as the Hare Escale, the only one to confirm if a person is actually psychopath. In this approach, the present article had as objective presenting a systematic revision of scientific literature about the antisocial personality – the psychopathy, having as the main instrument of diagnosis, the Hare Escale. Enriched with precepts of psychological evaluation on the forensic area, which will give support to approach this affair in a coherent and satisfactory way. Making clear that psychopaths are not only those who commit crimes, but they can cause a big damage in families, organizations and whole communities. Therefore, this research aimed to contribute to the practical and theoretical knowledge of the Hare Escale as a new instrument of Psychological Evaluation on forensic area. Furthermore, making clear the main characteristics of the psychopaths.

Keywords: Personality trouble; Psychopathy; Hare Escale; Forensic Psychology.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA – American Psychiatric Association

DSM – Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

DSM-V-TP – Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais Cinco sobre Transtorno de Personalidade

LILAC – Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde

PCR-L – Psychopathy Check-list Revised

PCL-SV – Hare Psychopathy Checklist: Screening Version

PePSIC – Periódicos Eletrônicos em Psicologia

SciELO – Scientific Electronic Library Online

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. PERCURSO METODOLÓGICO.....	17
2.1. Tipo de Estudo.....	17
2.2. Bases consultadas.....	18
2.3. Estratégia de busca para as bases de dados eletrônicas.....	18
2.4. Critérios de Inclusão e Exclusão.....	18
2.5. Procedimentos de Análise	19
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	19
3.1. Transtorno de Personalidade	19
3.2. Perfil do psicopata.....	20
3.3. Psicopatia no meio forense.....	22
3.4. Avaliação Psicológica no meio forense.....	23
3.5. Escala Hare	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
5. REFERÊNCIAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

A personalidade de uma pessoa é identificada através da sua afetividade em relação a outras pessoas e de sua individualidade pessoal. Neste sentido, o termo personalidade inclui tudo aquilo que se trata do indivíduo, dando ordem e congruência a todos os comportamentos diferentes apresentados por ele. Alguns estudiosos a definem como sendo a parte do indivíduo que é mais representativa, onde a diferencia dos outros, e principalmente, mostrando aquilo que ele é. Segundo a sugestão de Allport (1937, 1961 in press), a personalidade define o que o “homem” realmente é, na análise final, mais típica e característica dele.

Ao longo dos anos, os estudos acerca das teorias da personalidade são apresentados de forma favorável. A partir dos estudos e pensamentos de Fadiman e Frager (1979), os termos personalidade e teoria da personalidade são integrados em várias teorias, a partir do conhecimento de vários teóricos; cada qual com seu valor e relevância único, destacando grandes nomes da psicologia, como por exemplo, Freud. Para ele, o Id é a estrutura da personalidade original e mais central, sendo o Complexo de Édipo uma estrutura alicerçadora da personalidade humana, que surge na fase fálica.

Na psicologia analítica de Jung, o ser humano possui quatro funções da personalidade; o pensamento, o sentimento, a sensação e a intuição. Todas podem ser experienciadas de forma introvertida e extrovertida. Alfred Adler diz que a principal tarefa da psicologia individual é em relação à personalidade de cada indivíduo. Para Fadiman e Frager (1979):

Hábitos e traços de comportamento aparentemente isolados adquirem um significado dentro do contexto pleno da vida e dos objetivos do indivíduo e, assim, os problemas psicológicos e emocionais não podem ser tratados como questões isoladas. Todo o estilo de vida está envolvido, uma vez que um dado sintoma ou traço não é senão uma expressão do estilo de vida integrado do indivíduo. (p. 77)

A Gestalt acreditava em um exame sobre a dinâmica da estrutura da personalidade e do crescimento pessoal. Já no Behaviorismo, Skinner usava como base de estudo sobre a personalidade as ideias de Darwin, Watson e Pavlov. E defendia a ideia de que a personalidade é definida como uma coleção de padrões de comportamentos, onde cada comportamento individual é resposta de experiências prévias ou da história genética.

Percebe-se a existência de inúmeras teorias a respeito da personalidade, cada uma com sua implicância nos estudos e pesquisas sobre o tema e que podem ser considerados base para a evolução e desenvolvimento de estudos mais apurados e atuais. A partir do estudo da personalidade e das teorias da personalidade surgem os transtornos de personalidade.

Destarte, numa perspectiva mais atualizada, deve ser considerado e apontado o Manual de Diagnóstico Estatístico de Transtorno Mentais - DSM V (2014), na sua versão mais atual, que enfatiza o transtorno de personalidade como sendo caracterizado por um desvio no padrão da realidade social e inflexível, tendo início na adolescência ou início da fase adulta, permanecendo estável ao longo do desenvolvimento. Assim sendo, deixa o sujeito em sofrimento consigo e com o meio que vive, podendo causar prejuízos irreparáveis.

Seguindo essa linha, o DSM V (2014), enquadra 11 categorias distintas de transtorno de personalidade em três grupos. O Grupo A, Grupo B e Grupo C. No Grupo A estão inseridos os transtornos da personalidade paranoide, esquizoide e esquizotípica. No Grupo B são categorizados os transtornos da personalidade antissocial, *borderline*, histriônica e narcisista. E no Grupo C, os transtornos da personalidade esquiva, dependente e obsessivo-compulsivo. No entanto, como abordado anteriormente, o presente artigo vai tratar do Transtorno da Personalidade Antissocial, sinônimo de psicopatia.

Philippe Pinel, psiquiatra francês, foi um dos primeiros médicos a escrever sobre psicopatia. Ele descrevia esse padrão de comportamento com o termo “mania sem delírio”,

marcado pela completa falta de remorso e ausência de contenção. Embora outros consideravam os psicopatas como “moralmente insanos”, uma personificação do mal. A partir disso, iniciou-se uma discussão entre a visão de que os psicopatas são loucos ou de que são maus (Hare, 2013).

A psicopatia é um tema da atualidade acometida por inúmeros questionamentos que fazem com que preceitos do senso comum e da psicologia enquanto ciência entrem em confronto. A incerteza quanto a esse tema se inicia na própria palavra psicopatia, que significa “doença mental”; encontrado em alguns dicionários. Ao explorar esta questão, entra-se em contato direto com o real e o imaginário, onde são apresentados sinais e sintomas como pessoas acima de qualquer suspeita, por serem educados, elegantes e atraentes pela gentileza. Essas pessoas possuem uma capacidade enorme de convencimento e uma ausência de remorso ou arrependimento em relação às suas atitudes (Silva, 2008).

O psicopata é um sujeito com inteligência acima da média, não sofre de alucinações, nem é um deficiente mental. Contudo, também não é dotado de emoções morais, e é importante ressaltar que nem todos derivam do crime, sendo a ausência de qualquer escrúpulo e a manipulação de suas vítimas causadoras por torna-lhes criminosos perigosos (Daynes & Fellowes, 2012).

A mídia retrata os psicopatas como sendo assassinos em série. Entretanto, essas pessoas com esse transtorno podem estar em vários lugares e situações. Como exemplo pode ser citado os psicopatas de colarinho branco, advogados com licença cassada, barões do tráfico de drogas, jogadores profissionais, médicos com licença cassada, membros do crime organizado, líderes de seitas, promotores de ações “pilhados”, espancadores de mulheres, dentre outros (Hare, 2013).

Nesta perspectiva, é de suma importância dá ênfase aos estudos do Dr. Robert D. Hare, que dedicou trinta anos da sua vida a pesquisar sobre a psicopatia. Contando com a contribuição teórica científica de estudos neurológicos, o referido profissional verifica, dentre tantas outras características clínicas, indicam que os psicopatas possuem uma alteração no lobo frontal. Significando que sujeitos com alto nível de psicopatia são menos capazes de inibir o estímulo de áreas corticais do cérebro envolvidas na agressão, e isso implica na dificuldade para processar estímulos emocionais negativos, como expressões faciais tristes. O sistema límbico dos psicopatas com alto nível de perversidade não funciona, sistema esse responsável pelas emoções, localizado no cérebro (Lobo, 2007).

Existe uma linha tênue entre a psicopatia e a sanidade, pois eles dois se entrelaçam de maneira a confundir as nossas opiniões pré-fabricadas pelos veículos de comunicação. Os próprios psicopatas tentam, e muitas das vezes, conseguem confundir quem os avaliam. Os mesmos entendem sobre alucinações e delírios, sabem dos termos técnicos, a fim de confrontar o profissional de psicologia; a doença mental que eles mais fingem está, é a esquizofrenia. Não há doença mental para comportamento criminal, a maioria das pessoas que cometem crimes são normais.

Neste enfoque, existe uma vertente da psicologia que interage diretamente com distúrbio da personalidade antissocial, a psicologia forense. Ela nos possibilita ver, do ponto de vista legal, como esses sujeitos se relacionam com situações de cunho judicial e qual o posicionamento da psicologia frente a situações dessa natureza, ou seja, a psicologia forense tem como objetivo tudo que irá ligar o sujeito à lei. A psicopatia é o constructo mais importante no sistema de justiça criminal, portanto, é fundamental para qualquer discussão da psicologia forense (Hare & Hemphill, 2004).

Os resultados gerados pela psicologia forense podem ser decisivos para o sujeito em questão, resultando um maior interesse por parte deles, principalmente a respeito da simulação em doenças mentais. De acordo com o código penal (1984):

Art. 26 – É isento de pena o agente que, por doença mental ou desenvolvimento mental incompleto ou retardo, era, ao tempo da ação ou da omissão, inteiramente incapaz de entender o caráter ilícito do fato ou de determinar-se de acordo com esse entendimento.

Ligada à função de julgar, onde o psicólogo coloca seus conhecimentos à disposição, assessorando a justiça em aspectos relevantes para determinadas ações, trazendo aos autos a realidade psicológica dos agentes envolvidos que, sem a sua atuação, jamais chegaria ao conhecimento do julgador (Melo, 2014).

Nesta conjuntura e segundo o pensamento de Oliveira (2011), a psicologia forense se coloca diante da sociedade a fim de descobrir as causas das desordens mentais (como comportamentos criminosos), para que assim seja possível determinar uma pena justa, levando-se em consideração a subjetividade de cada um e tendo em conta que estes casos são muito particulares devendo assim ser tratados perante a justiça com atenção específica e sem generalizar a população submetida ao Tribunal. Não buscamos levar ao entendimento geral que esse processo que a psicologia busca promover invalida as obrigações de um psicopata diante da situação judicial, ou seja, o que ela objetiva é atenuar a punição dos sujeitos em questão para que assim a lei seja aplicada de forma justa e coerente. Oliveira (2011) justifica esse pensamento quando trás à luz a reflexão de que:

Entender as razões morais e as motivações que levam o indivíduo a delinquir, analisando sua personalidade e também a perspectiva sociocultural em que está inserido é de suma importância para a aplicação da lei penal ao caso concreto. Os juízes, por exemplo, necessitam de tal avaliação para que possam, conjuntamente com outros indícios e provas, absolver, fixar a pena adequada e proporcional ou então aplicar medida de segurança. Por estas razões, a Psicologia Forense, como ramo da Criminologia, determinou conceitos e elencou elementos relevantes tanto para a área

da Psicologia quanto do Direito, exatamente no intuito de fornecer o material importante para que se possa fazer uma análise acurada do delinquente. (p. 1)

É importante enfatizar que para diagnosticar uma pessoa como psicopata, é necessário passar por todo um processo de avaliação psicológica, que abrange a utilização de entrevistas e aplicação de instrumentos psicométricos. Um instrumento ainda pouco divulgado, mas que tem grande eficácia é o PCL-R (Escala Hare); desenvolvida pelo Dr. Robert Hare. Um escore elevado do PCL-R irá indicar a probabilidade elevada de o sujeito reincidir em atividade criminosa (Hare, 1991).

O PCL-R tem sido usado em muitos países, entre eles, Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia, Grã-Bretanha, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suécia, Noruega, China, Hong-Kong, Finlândia, Alemanha, entre outros (Hare, 2013). Baseado nessas premissas, o presente artigo teve como objetivo, desenvolver conceitualmente a psicopatia e a utilização da Escala Hare como recurso diagnóstico.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

2.1. Tipo de Estudo

O presente estudo trata-se de uma revisão sistemática de livros e artigos científicos produzidos de 1979 a 2015 indexados em bases de dados específicos. A revisão sistemática compreende uma metodologia de pesquisa baseada em evidências atuais sobre determinada temática, ao passo que sintetiza pesquisas baseando-se em critérios de inclusão/exclusão, estratégias de busca, bem como a finalidade e necessidade da revisão (Correia & Mesquita, 2014; Dresch, Lacerda, & Júnior, 2015; Ulbricht, Vanzin, Silva, & Batista, 2013).

Neste enfoque, considera-se que a revisão sistemática pode ser caracterizada como uma revisão abrangente que visa identificar todos os estudos considerados relevantes, na tentativa de responder uma pergunta ou analisar uma questão específica (Correia & Mesquita,

2014). Portanto, a mesma torna-se fundamental no desenvolvimento de estratégias a serem tomadas baseando-se nos resultados encontrados nos estudos analisados.

2.2. Bases consultadas

Foram consultadas as bases de dados Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), o *Scientific Electronic Library OnLine* – Brasil (SciELO-Brasil) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), a partir do recurso dos descritores "*Transtorno de personalidade*", "*psicopatia*" e "*Escala Hare*".

2.3. Estratégia de busca para as bases de dados eletrônicas

A estratégia de busca de artigos científicos sobre a temática em questão baseou-se na utilização dos descritores "*Transtorno de personalidade*", "*psicopatia*" e "*Escala Hare*", ou seja, utilizando o método de cruzamento dos descritores ou não.

2.4. Critérios de Inclusão e Exclusão

Foram incluídas pesquisas brasileiras eletrônicas de 2001 a 2015, com idioma escrito em português do Brasil, também um artigo na língua inglesa, tendo como tema a Psicopatia e a Escala Hare para nortear a pesquisa. Ainda a utilização de sete livros, o mais antigo do ano de 1979, e o mais atual do ano de 2014. Foram excluídos artigos brasileiros publicados anteriores a 2001, bem como resenhas, relatos de experiência, notícias, monografias, dissertações e teses, além de pesquisas de revisão e tudo aquilo que não se adequasse diretamente na temática.

2.5. Procedimentos de Análise

Após o levantamento inicial, os resumos localizados a partir da utilização dos referidos descritores (isoladamente ou combinados), foram lidos e analisados respeitando os critérios de inclusão/exclusão pretendidos. Após esse procedimento, os mesmos foram lidos na íntegra. A partir da leitura completa desses artigos, foi necessária uma nova seleção, eliminando-se, assim, alguns deles. Nesse sentido, os trabalhos recuperados foram fichados, a fim de obter-se uma melhor organização e compreensão dos achados. Baseando-se nessa organização, houve uma nova leitura do conjunto dos materiais, visando delinear os pontos mais relevantes de cada manuscrito, bem como tornou-se possível construir comparações e análises correlativas dos achados, tendo como pano de fundo a Psicopatia e a escala Hare. Esses são aspectos característicos da pesquisa de revisão sistemática (Gough, Oliver, & Thomas, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir da operacionalização do método exposto, tornou-se possível identificar e analisar o tema proposto por meio de distintos pontos. Sendo aceitável destacar tópicos de maior interesse, tais como: transtorno de personalidade, perfil do psicopata, psicopatia no meio forense, avaliação psicológica e a Escala Hare.

3.1. Transtorno de Personalidade:

Pessoas com a mesma cultura, mesma educação, instituídas no mesmo meio físico, colocadas em presença de circunstâncias idênticas, procedem de modo diferente. Isto está relacionado à personalidade. A personalidade é construída a partir de duas vertentes; umas

inatas e outras adquiridas; que são os adquiridos geneticamente e os adquiridos pelo meio ambiente (Montalvão, 1986, 1987, in press).

Neste sentido, assim como todas as facetas psicológicas, o transtorno da personalidade também pode passar por um processo patológico, que se traduz em um distúrbio grave de comportamento, sendo considerada uma ruptura pessoal e social. Um tema complexo, que envolve inúmeras teorias e concepções. Historicamente se desenvolveu na observação de criminosos, os psicopatas (Nunes Filho, Bueno, & Nardi, 2001).

Uma grande parte da população possui algum tipo de transtorno de personalidade, geralmente, a grande maioria não procura se tratar. Isso é um ponto bastante negativo, pois pessoas que apresentam esses transtornos causam desconforto às pessoas que com elas convivem, chegando a gerar problemas mais graves.

3.2. Perfil do psicopata:

A principal característica do psicopata é a ausência de afeto. São covardes, fingem uma afetividade que não tem, são bipolares, possuem respostas metabólicas diferenciadas e ausência de culpa, são moldados para viver em sociedade. Assim sendo, os sintomas presentes na maioria dos psicopatas são: frieza, ausência de remorso ou arrependimento, predominância da racionalidade, encanto superficial, facilidade de manipulação, mentiras sistemáticas, comportamento fantasioso, amoralidade, impulsividade, incorrigibilidade, falta de adaptação social, falta de empatia, dissimularidade, entre outros (Yamada, 2009).

Estudos apontam que 1% da população brasileira tem tendência a apresentar transtorno de personalidade psicopática, outros estudos realizados em vários países indicam que o psicopata pode ter sofrido de traumas psicológicos, sexuais e agressões, tendo uma grande dificuldade em superá-los. Os traços de um psicopata podem ser notados ainda na

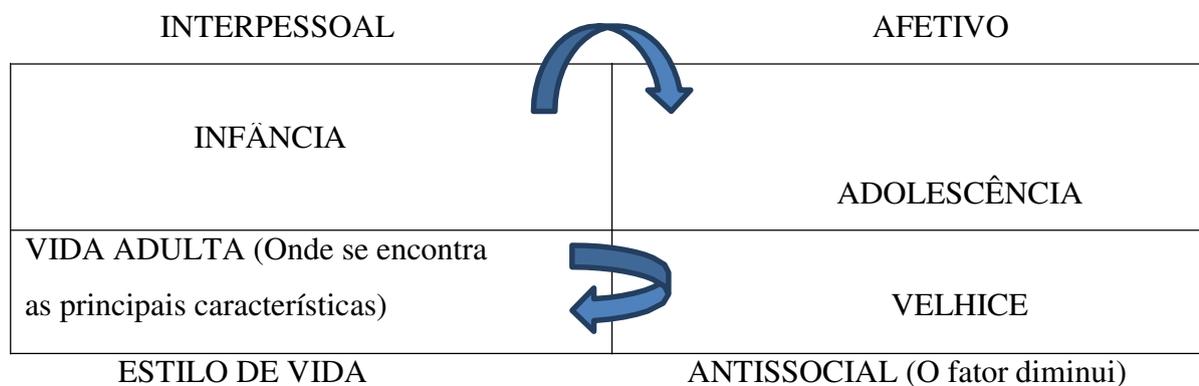
adolescência do mesmo, onde a falta de culpa, de sensibilidade, de sentimentos, lealdade, perdão, entre outros prevalecem (Silva, 2008).

Diferentemente das pessoas ditas comuns, o psicopata, ao ter impulsos cruéis, sai do patamar subjetivo passando para o ato em si. A literatura aponta que, epidemiologicamente, esse distúrbio de personalidade é mais comum em meninos do que em meninas, haja vista as meninas serem culturalmente educadas para controlar a expressão evidente de raiva (Yamada, 2009).

Partindo dessa premissa, a American Psychiatric Association (APA) calculou que aproximadamente 3% dos homens e 1% das mulheres na população em geral sejam psicopatas. Onde se concentra o maior número de psicopatas são nos presídios, sendo responsáveis por um maior número e variedade de crimes cruéis (Daynes & Fellowes, 2012).

O início dos sintomas nos meninos se dá por volta dos sete anos e nas meninas por volta dos treze anos. Estima-se que entre os presidiários mais violentos, 20% têm tendências psicopatas, por serem excelentes imitadores das emoções humanas, podem ficar sem serem percebidos em uma variedade de ambientes (Morana, 2003).

Para uma melhor compreensão acerca de como se desenvolve uma personalidade psicopata, foi realizado um esquema operacional apresentado em curso de treinamento da Escala Hare, ministrado pelo mestre Christian Costa em abril de 2015 na cidade de Campina Grande:



O esquema apresentado pode ser explicado que na infância, a interpeessoalidade é superficial e há presença de egocentrismo. Na adolescência, o fator afetivo é caracterizado pela ausência de remorso, falta de empatia e covardia para assumir responsabilidade pelos próprios atos. Na vida adulta, o fator afetivo é caracterizado pela impulsividade, ausência de objetivos a longo prazo e irresponsabilidade. E por fim, a velhice, nela, o fator antissocial, é caracterizado pelos descontroles comportamentais.

Considerando as fases do desenvolvimento humano, percebe-se, portanto, que desde a infância o indivíduo psicopata, apresenta características particulares e bem diferenciadas do que seria natural na maioria das pessoas. Para tanto, a investigação de todo o desenvolvimento biopsicossocial deste indivíduo, é de responsabilidade da justiça, e a psicologia forense é uma especialidade essencial nesse processo de averiguação e coleta de informações.

3.3. Psicopatia no meio forense:

Os psicopatas se desenvolvem em uma fração de crimes violentos, como estupros e assassinatos, casos esses que causam polêmicas jurídicas. A psicologia forense dedica-se a esses casos na perspectiva psicológica em defesa da sociedade. Os psicólogos forenses tratam da psicopatia com o estudo do percurso de vida do indivíduo criminoso, em busca da raiz do

problema através de todos os processos psicológicos que os tenha levado ao crime. Ao descobrirem a etiologia, tanto de ordem mental quanto de ordem comportamental, pode-se então determinar uma pena justa, tratados em Tribunal (Jacó-Vilela, Cerezzo, & Rodrigues, 2012).

Sabe-se que o psicólogo forense atua no setor clínico de diagnóstico do acusado, pormenorizado da psicopatologia. No entanto, é importante enfatizar que este profissional também deve ser conhecedor das leis civis e das leis criminais, pois sendo a Psicologia Forense constituinte de uma das especializações da área jurídica, e suas técnicas estarem orientadas para a produção de investigações psicológicas, trás consigo significância para o contexto legal (Ibañez & Ávila, 1990).

Para uma melhor e maior compreensão do que é a psicopatia, optou-se por relembrar dois casos famosos e que teve um grande impacto na sociedade mais ampla, principalmente por ter sido tão explorado no campo midiático. Assim, casos como os de Suzane Von Richthofen e o “maníaco do parque”, são exemplos claros de como a psicologia forense intervém junto a estes tipos de investigação psicológica neste âmbito, sobretudo, trabalhos sobre homicídios e crimes sexuais, através da aplicação da Escala Hare.

3.4. Avaliação Psicológica no meio forense:

A inserção da psicologia em diversos contextos vem se efetivando, pois, essa prática emana decisões, a citar, a área judicial. Testes psicológicos têm recebido atenção por parte dos profissionais, garantindo sua legitimidade como instrumento que compõe o processo de avaliação psicológica. Pesquisas e discussões acerca de aspectos como validade e precisão vêm sempre sendo realizadas, contudo, precisa de inovações (Noronha, Santos, & Sisto, 2006).

Esta perspectiva aponta para a importância de se ter um olhar sensível para essa área da psicologia, levando em conta que, através do psicodiagnóstico positivo ou negativo, estará resultando na liberdade ou prisão do sujeito em questão. A partir disto, entra em a discussão a simulação e dissimulação de sintomas patológicos. Muitos criminosos, mesmo sem ajuda de um profissional são capazes de simular resultados psicológicos sem muita dificuldade. São verdadeiros atores quando se trata de simular doenças mentais. Segundo o pensamento de Cunha (2000, as cited in Melo, 2014):

As avaliações periciais têm tido como especificações o fornecimento de elementos para questões relacionadas como “insanidade”, competência para o exercício das funções de cidadão, avaliação de incapacidades ou patologias que podem estar associadas com infrações da lei. (p. 106)

Dessa forma, o sujeito quando se refere ao processo de avaliação psicológica no meio forense, tem a possibilidade de distorcer dados bem como fingir sintomas que não existam, em prol de obter o aval jurídico de inimputabilidade ou diminuição da pena por ser considerado uma pessoa com um transtorno mental.

A este respeito, Palhares e Cunha (2012) enfatizam que a discussão sobre a avaliação psicológica em casos de suspeita de psicopatia, é para provar se o sujeito vai ser considerado imputável, semi-imputável ou inimputável. Daí seria acertada a sanção penal adequada.

Importante lembrar ainda, que a intervenção psicológica também se faz necessário às vítimas que sobreviveram desses agressores, como também as famílias, tratando ou prevenindo possíveis alterações no quadro psicológico das mesmas para que não possam desencadear problemas futuros.

A partir do exposto, percebe-se que a psicologia forense vem como objetivo principal estudar esses casos, considerando os aspectos mentais e comportamentais dos agressores, a

fim de poder desenredar uma pena justa. Não obstante, a escala Hare é então considerada uma ferramenta essencial no processo de avaliação de uma personalidade psicopata.

3.5. Escala Hare:

A Psychopathy Checklist (Avaliação de Psicopatia), conhecida como Escala Hare, foi criada pelo Dr. Robert Hare em 1991 e validada para o contexto brasileiro em 2003. No ano de 2005, a escala foi avaliada pelo Conselho Federal de Psicologia sendo aprovada a sua utilização. A referida escala tem como principal objetivo identificar um sujeito com o transtorno da personalidade antissocial, a psicopatia. Ela admite a discussão das características dos psicopatas, sem o risco de descrever simples desvios sociais ou criminalidade (Yamada, 2009).

Na Escala Hare, o segredo da avaliação não é simplesmente o roteiro de entrevistas, mas seguir a lógica do *check-list*, identificando as características mais notórias do psicopata, destacando os traços emocionais e interpessoais. O roteiro de entrevista é bem extenso, como se fosse uma anamnese detalhada. A diferença é que na Escala Hare se busca a confirmação do comportamento psicopático. Com treze laudas de perguntas, a Escala tem a necessidade de ser aplicada entre três a quatro dias.

Como material que compõe toda a escala, pode ser citado o manual com critérios para pontuação de psicopatia, caderno de pontuação, roteiro de entrevistas e pontuação. É fundamental dominar o entendimento dos 20 itens do protocolo. Cada item se pontua em 0, 1 ou 2 pontos; onde o 0 é usado em situações onde o examinando não apresenta tais características, o 1 é usado se talvez apresentar características examinadas e o 2 é usado quando as características examinadas são apresentadas no examinando. O roteiro de entrevista

servirá para confirmar dados de sua busca. A pontuação vai de 0 a 40 pontos, no entanto, com 30 pontos, já é confirmada a psicopatia (Yamada, 2009).

O PCL-R foi tema de diversas pesquisas e estudos empíricos desde o seu lançamento e tem demonstrado ser altamente confiável e válido como medida do grau de psicopatia em presos adultos do sexo masculino. Amplamente aceito na comunidade psiquiátrica, o PCL-R é atualmente considerado o “padrão ouro” dos instrumentos de avaliação. (Ells, 2005, p. 181, as cited in Yamada, 2009, p. 17)

O Mestre Christian Costa em um evento de treinamento da Escala Hare destacou alguns pontos importantes para auxiliar na avaliação: Obter o histórico de vida do sujeito com a finalidade de orientar as pontuações do PCL-R e do PCL-SV; o entrevistador terá a possibilidade de observar o estilo interpessoal do indivíduo. A maneira como ele se apresenta e argumenta fatos; investigar os detalhes relevantes para a pontuação do protocolo e perceber que não é uma anamnese e sim uma análise detalhada de como este indivíduo se relacionou com a vida. Antes de aplicar o teste é imprescindível ler a ficha criminal, pois dados familiares são extremamente importantes.

Os itens da Escala Hare são considerados com base no comportamento funcional do indivíduo no decorrer da vida, conforme revelado pelos resultados da avaliação. Os itens não devem ser pontuados somente com base no comportamento atual, este estado pode ser atípico, diferindo da maneira habitual de ser em decorrência de fatores situacionais extremos, exacerbação psicopatológica aguda, como o exemplo da depressão ou psicose (Yamada, 2009).

Pessoas que não são psicopatas podem apresentar algum sintoma dos 20 itens, mas isso não significa, necessariamente, que essas pessoas são psicopatas. Em seguida será apresentado cada item, descrevendo as características mais notórias de acordo com a sequência de 1 a 20:

1. Loquacidade/Charme Superficial: Descreve um indivíduo com uma espécie de encanto superficial e não sincero. Ele tem uma boa e divertida conversa. Um ser bastante agradável. Dotado de fluência verbal, isso lhe torna confiável;
2. Superestima: Eles têm uma visão narcisista e muito vaidosa. São seguros de si, possuem opinião forte.
3. Necessidade de Estimulação/Tendência ao Tédio: Possuem a necessidade de viver “por um fio”. Cometem crimes pela própria satisfação e prazer.
4. Mentira patológica: Ele é capaz de inventar mentiras elaboradas sobre um passado que não existiu, mesmo sabendo que seu passado pode ser checado. A mentira ou a fraude fazem parte das suas características e de sua interação com os outros.
5. Vigarice/Manipulação: Manipular é um talento natural deles; parecem orgulhosos da habilidade que possuem em mentir.
6. Ausência de Remorso ou Culpa: Mostram uma forte falta de preocupação com os efeitos avassaladores de suas ações para com os outros.
7. Insensibilidade Afetivo-Emocional: Parecem sofrer de um tipo de pobreza emocional. Para eles, a emoção é incompleta.
8. Indiferença/Falta de Empatia: É a principal característica. Veem as pessoas como meros objetos. São indiferentes aos direitos e sofrimento alheio.
9. Estilo de Vida Parasitário: Sujeito cuja dependência financeira depende dos outros. Evita trabalhos remunerados, contando com familiares, parentes e amigos, sempre se fazendo de vítima.
10. Descontroles comportamentais: Eles têm pavio curto, cabeça quente, violência súbita e abuso verbal. Assistem as próprias manifestações de violência como sendo resposta natural a alguma provocação.

11. Promiscuidade Sexual: Tratam o sexo de forma dissimulada. Para obter prazer são capazes de muita crueldade, como estupros.
12. Distúrbios de Conduta na Infância: O descreve como um indivíduo que teve graves problemas de comportamento quando criança, incluindo mentiras, trapagens, furtos, incêndios, violência, atividades sexuais precoces, entre outros.
13. Ausência de Metas Realistas a Longo Prazo: Não conseguem planejar o futuro, não fazendo planos de casamento ou de terminar um curso. Dificilmente, um psicopata consegue concluir um curso.
14. Impulsividade: Possui um comportamento impulsivo, inesperado, irrefletido ou impensado.
15. Irresponsabilidade: Compromissos não significa nada para eles. Quando trabalham, muitas das vezes, faltam com frequência, tentam prejudicar os outros. Até no caso de quem tem filhos, eles mostram indiferença.
16. Fracasso em Aceitar Responsabilidade pelas Próprias Ações: O psicopata jamais vai assumir que fez algo de errado, seja de algo mais simples até o mais grave.
17. Muitas Relações Maritais e Curta Duração: Os psicopatas não conseguem ter relacionamentos que durem muito tempo. Eles têm a necessidade de ter vários casos amoroso, com um curto prazo de duração.
18. Delinquência Juvenil: São indivíduos que já cumpriram medidas sócio educativas ou até foram presos muito cedo.
19. Revogação da Liberdade Condicional: O psicopata sempre volta a cometer crimes da mesma natureza, e sua liberdade sempre está em processo de revogação.
20. Versatilidade Criminal: Envolvimento direto com a polícia nessa idade.

Para se aplicar a Escala Hare e alcançar um determinado diagnóstico é preciso ter treinamento, só o psicólogo está autorizado para realizar essa avaliação psicológica. No entanto, percebe-se que a escala Hare é pouco difundida nos cursos de Psicologia, fato este que a deixa um pouco no anonimato junto a profissionais que deveriam ter conhecimento deste instrumento tão valioso, haja vista tratar-se de um instrumento que avalia o grau de risco da reincidência criminal e que antes, peritos e psicólogos não dispunham de meios para avaliar essa possibilidade.

Assim, conhecer a escala Hare, é de extrema importância para o profissional de psicologia e, mais especificamente de psicologia forense, já que o PCR-L foi construído para avaliar de maneira segura e objetiva o grau de periculosidade e de readaptabilidade à vida em sociedade de condenados.

A partir deste estudo, percebe-se um número reduzido de publicações acerca do uso da escala Hare, levando a supor que no Brasil este instrumento vem sendo utilizado aos poucos, principalmente em casos de grande repercussão da mídia, já citados mais acima, Suzane Von Richthofen e o “maníaco do parque”, passaram pela avaliação psicológica realizada pelo Mestre Christian Costa (2014), onde obtiveram 31 pontos. Sendo eles, considerados psicopatas. Neste enfoque, considera-se que o objetivo do presente estudo foi atingido por desenvolver conceitualmente a psicopatia e a utilização da Escala Hare como recurso diagnóstico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo de uma maneira geral, objetivou o estudo e o conhecimento acerca da psicopatia e de temas relacionados a esse contexto, como Personalidade, Transtorno da Personalidade e Avaliação Psicológica através da Escala Hare. Destacando a Escala Hare, pouco conhecida no Brasil, mas de uma importância imensa na área forense.

Em países onde a Escala é utilizada, é notória a mudança em relação à taxa de reincidência e de violência. Entretanto, é importante saber os riscos de diagnósticos imprecisos. Seria imprescindível o uso da Escala em presídios brasileiros, isso diminuiria a taxa de reincidência, onde a taxa de reincidência dos psicopatas é cerca de três vezes maior do que a dos demais infratores.

Diariamente assistimos a casos de extrema frieza e crueldade, sem a menor possibilidade de classificar esses assassinos como psicopatas ou não, as vítimas ficam muito mais expostas. É comum o presidiário ter uma liberdade condicional concedida pelo juiz, é nesse momento que psicopatas cometem crimes fatais e sexuais. Segundo Hare (2013), quase um terço dos liberados cometem crimes de estupro.

Convivemos diariamente com psicopatas sem serem percebidos, nem todos são assassinos. Como o neurologista Henrique Del Nero (Médico do Hospital Geral de São Paulo - SP) diz que “sofrer desse distúrbio não significa necessariamente que a pessoa seja, ou se torne, assassino”. Mas a grande maioria está ligada ao desrespeito às condições básicas de convivência humana, eles não possuem senso de moralidade.

Em suma, a psicopatia é um tema complexo, que deve ser observado caso a caso. Nesse artigo, fica bem claro que, para se chegar a uma conclusão que uma pessoa é realmente psicopata, é preciso que ela seja diagnosticada, e esse diagnóstico pode ser obtido a partir da aplicação da Escala Hare, realizada exclusivamente por um psicólogo.

5. REFERÊNCIAS

- American Psychiatry Association. (2014). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 [Manual]. (5th ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Correia, A. M., & Mesquita, A. (2014). *Mestrados e doutoramentos. Estratégias para a elaboração de trabalhos científicos: o desafio da excelência* (2nd ed.). Porto, Portugal: Vida Económica.
- Costa, C. (2014). *Se o Mal Tivesse um Nome*. (22nd. ed.). Manaus: Editora Valer.
- Daynes, K., & Fellowes, J. (2012). *Como identificar um psicopata: cuidado! Ele pode estar mais perto do que você imagina*. (M. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Cultrix.
- Dresch, A., Lacerda, D. P., & Júnior, J. A. (2015). *Design Science Research: método de pesquisa para avanço da ciência e tecnologia*. Porto Alegre, Brasil: Bookman.
- Fadiman, J., & Frager, R. (1979). *Teorias da Personalidade*. (C. Sampaio, Trad.). São Paulo: Harper & Row do Brasil.
- Gough, D., Oliver, S., & Thomas, J. (2012). *An introduction to systematic reviews*. Canadá: SAGE Publications Ltd.
- Hare, R. D. (1991). *Manual for the Hare Psychopathy Checklist Revised*. Toronto: Multi-Health System.
- Hare, R. D. (2013). *Sem Consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós*. (D. Sales, Trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Hemphill, J. F., & Hare, R. D. (2004). Some misconceptions about the Hare PCL-R and risk assessment: A reply to Gendreau, Goggin, and Smith. *Criminal Justice and Behavior*.

- 31(2), 203-243. Recuperado de <http://cjb.sagepub.com/content/31/2/203.full.pdf+html>.
doi: 10.1177/0093854803261326.
- Jacó-Vilela, A. M., Cerezzo, A. C., & Rodrigues, H. B. C. (2012). *Clio-psyché: Fazeres e dizeres psi na história do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. Recuperado de <http://static.scielo.org/scielobooks/hkyyb/pdf/jaco-9788579820618.pdf>.
- Lobo, C A. C. C. F. (2007). *A P-Scan de Robert Hare na Avaliação da Psicopatia* (Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Braga, Portugal). Recuperado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7484>.
- Montalvão, A. (1986-1987). *Enciclopédia contemporânea de Psicologia e Relações Humanas*. (Vol. II). São Paulo: S. A.
- Morana, C. P. (2003). *Identificação do ponto de corte para a escala PCL-R (Psychopathy Checklist Revised) em população forense brasileira: Caracterização de dois subtipos da personalidade; transtorno global e parcial* (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil). Recuperado de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5142/tde-14022004-211709/pt-br.php>.
- Noronha, A. P., Santos, A. A., & Sisto, F. (2006). *Facetas do fazer em Avaliação Psicológica*. São Paulo: Vetor.
- Nunes Filho, E. P., Bueno, J. R., & Nardi, A. E. (2001) *Psiquiatria e saúde mental. Conceitos clínicos e terapêuticos fundamentais* (2nd ed.). São Paulo: Atheneu.
- Palhares, D. O., & Cunha, M. V. R. (2012). O Psicopata e o Direito Penal Brasileiro. Qual A Sanção Penal Adequada? *ORBIS: Revista Científica* 3(2), 136-151.
- Silva, A. B. B. (2008). *Mentes Perigosas: o psicopata mora ao lado* (X ed.). Rio de Janeiro: Editora Objetiva.

Ulbricht, V. R., Vanzin, T., Silva, A. R., & Batista, C. R. (2013). *Contribuições da criatividade em diferentes áreas do conhecimento*. São Paulo, Brasil: Pimenta Cultural.

Yamada, L. T. (2009). *O horror e o grotesco na psicologia - a avaliação da psicopatia através da Escala Hare PCL-R (Psychopathy Checklist Revised)* (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil).